

# A EXPERIÊNCIA DO EVENTO “DANDARA: ALÉM DO DIA 20” PARA VALORIZAÇÃO DA VIDA NEGRA EM SÃO JOÃO DEL REI – MG

**Bruna Lúcia dos Santos<sup>1</sup>, Amanda Barbosa Veiga dos Santos<sup>2</sup>, Iuli do Carmo Melo<sup>3</sup>**

**RESUMO:** O presente texto discorre sobre as atividades desenvolvidas pelo grupo de mulheres negras Dandara, de São João del Rei, em consonância com a semana de consciência negra nos dias 21 a 27 de novembro de 2016, a qual foi intitulada “Dandara: além do dia 20”. Objetivou-se, a partir dos eventos realizados, diálogos com a negritude sanjoanense para além do dia 20 de novembro - dia marcado como dia da consciência negra. O queressalta a importância de debates e interações sobre as relações étnico-raciais nos múltiplos espaços da cidade, como escolas, centros de assistência social e praças. Nesse sentido, é importante destacar que o trabalho do grupo “Dandara” pontua os desafios e os sucessos da concretização da semana de eventos, a fim de fomentar o debate sobre as possibilidades de práticas de enfrentamento ao racismo e valorização da cultura negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Consciência negra; Feminismo negro; Relações étnico raciais.

## INTRODUÇÃO

Dandara é o nome de um grupo que reúne mulheres negras da cidade de São João del-Rei<sup>4</sup>. O intuito do grupo está na organização e fortalecimento de uma frente ao machismo e o racismo. Duas problemáticas culturais que assolam a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Entre os dias 21 a 27 de novembro de 2016, foi organizada a semana “Dandara: além do dia 20” (FIGURA 1), com a finalidade de debater e refletir sobre vivências da negritude sanjoanense. Além disso, objetivou-se elaborar ações de prevenção e enfrentamento ao racismo, com atividades

de valorização da cultura negra da cidade.

As atividades foram realizadas em diversos ambientes, como as escolas públicas estaduais Ministro Gabriel Passos e Iago Pimentel, o Salão Comunitário, localizado no Bairro São Dimas, a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), dentre outros espaços públicos da cidade. A programação contou com performances, rodas de conversa, cine debate, encontro de mulheres crespas e cacheadas (Encrespa). Os eventos realizados pela semana “Dandara: além do dia 20” encerraram-se com a festa intitulada Sawabona Shikoba II.

<sup>1</sup> Bruna Lúcia dos Santos, Universidade Federal de São João del-Rei, brunnasantos19@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Amanda Barbosa Veiga dos Santos, Universidade Federal de São João del-Rei, amandabveiga@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Iuli do Carmo Melo, Universidade Federal de São João del-Rei, iulimelo05@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Organizaram a semana como integrantes do Grupo Dandara: Amanda Veiga, Ana Marina, Bruna Santos, Barbara Perreira, Bárbara Rdea, Cícera Rosa, Carolina Rocha, Damiana Silva, Gabriela Sousa, Iuli Melo, Juliana Oliveira, Jannyfer Sousa, Karla de Paula, Karina de Paula, Maria Tereza.



**Figura 1-** Arte do Evento

Arte: Bárbara Quintino

O grupo Dandara compreende que as demandas e debates sobre questões raciais não podem se limitar ao dia da consciência negra (20 de novembro). Os séculos de escravização de negros, a política de embranquecimento e a falta de políticas de proteção e inclusão, no período pós-abolição (1888), são fatores que interferem violentamente no cotidiano da população negra até os dias atuais.

Os negros representam 54% da sociedade brasileira, com respaldo do estado a população negra é a que mais sofre com a desigualdade de renda, condições precárias de moradia, violências institucionais, falta de oportunidade de ensino, além de representar 75% da população carcerária. No censo de 2010, apenas 12,8% das pessoas com idades entre 15 e 24, inseridas na população negra frequentavam o nível superior. É necessário pontuar que a taxa da população branca foi de 31,1%, mais que o dobro se comparada à população negra.

A taxa de analfabetismo é outro dado importante, uma vez que é duas vezes maior, 11,5% para os negros contra 5,2% para os brancos. Outro dado, também do IPEADATA (2000), refere-se ao número de evasão escolar por motivo de trabalho, o qual atinge as pessoas negras na faixa

etária de 10 a 14 anos. A porcentagem da pesquisa chegou a 6,89% para pessoas negras e 5,0% para as pessoas brancas.

Outra preocupação é o genocídio da juventude negra. Dados mostram que o número de vitimados negros aumentou 32,4%, enquanto o da juventude branca houve um decréscimo de 32,3% segundo o Mapa da Violência no Brasil de 2002 a 2012. Além disso, os assassinatos de mulheres negras tiveram um aumento de 54,2% no intervalo de 2002 a 2013. De acordo com a *SaferNet Brasil*, entidade que atua no combate aos crimes contra os direitos humanos na *internet*, as denúncias de racismo na internet crescem 81% comparadas ao primeiro semestre de 2013 e 2014, como informa o Dossiê de Mulheres Negras (2016).

Por fim, a pesquisa sobre o trabalho doméstico realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2010, p. 6), indica que das sete capitais brasileiras estudadas, em cinco delas o maior número de empregadas domésticas são mulheres negras (Belo Horizonte com 71%, Distrito Federal com 79,3%, Fortaleza com 76,7%, Recife com 80,9% e Salvador com 96,7%). Apenas Porto Alegre e São Paulo, com 26,5% e 48,9% respectivamente, apresentaram

números contrários.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar quais e como foram às atividades desenvolvidas na semana "Dandara: além do dia 20", refletindo sobre os preocupantes dados atuais de genocídio da população negra e violência contra a mulher negra. Procurou-se evidenciar os modos como essas questões existem e influenciam a sociedade, apresentando-se já como uma concepção violenta. Demonstra-se, assim, quão importante o respeito à pluralidade, uma vez que esta é essencial na construção da identidade de um povo. Essa ideia fica evidente na citação abaixo.

Assim, a construção da identidade e a consciência de seu pertencimento racial se estruturam nas relações com os outros. Esses dois processos irão se formar a partir de um conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais e, também, por uma representação social do grupo ao qual ele pertence, de maneira que a construção se dará de forma dialética entre a história individual e coletiva. (CIAMPA, 1992, p. 3)

Ao final do processo, notou-se a dificuldade em lidar com burocracias e desmazes por parte da administração da cidade. Em contrapartida, obteve-se a ajuda mútua de pessoas interessadas em realizar o evento, principalmente ao observar como a união do grupo foi extremamente importante para não desanimar frente às dificuldades. Foi possível perceber também a necessidade de continuação de algumas atividades, assim como de repetir a agenda no ano seguinte.

## A ATUAÇÃO DO GRUPO DANDARA

A atuação de mulheres negras no enfrentamento ao racismo e ao machismo é presente tanto na organização do feminismo hegemônico, junto a mulheres brancas,

quanto no movimento negro. De acordo com Lélia Gonzalez (2011), na organização com o movimento negro, muitas vezes os homens negros reproduzem práticas sexistas e de dominação patriarcal, e ao procurar o movimento feminista, mulheres negras são recebidas por práticas de exclusão e dominação racista.

O extremismo estabelecido pelo feminismo fez irreversível a busca de um modelo alternativo de sociedade. Graças a sua produção teórica e a sua ação como movimento, o mundo não foi mais o mesmo. Mas, apesar das suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação pela orientação sexual, não aconteceu o mesmo com outros tipos de discriminação, tão grave como a sofrida pela mulher: a de caráter racial. (GONZALEZ, 2011, p. 13).

Angela Devis em "Mulheres Raça e Classe" (2016), bellhooks<sup>1</sup> em "Mulheres negras transformando a teoria feminista" (2011) e Djamilia Ribeiro (2017) "O que é lugar de fala" trazem denúncias dessa invisibilidade<sup>2</sup>, que ecoa na concepção universal de experiência de mulher destinada a maternidade e ao casamento.

Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daquela forma da definição de pensamento especializado de Berger e Luckmann (1966). Estes sugerem que apenas um grupo limitado de indivíduos se engaja em teorizar, e que "teoria pura" surge com o desenvolvimento de teorias legitimadoras especializadas, administradas por legitimadoras de período integral. A partir dessa abordagem, os grupos aos quais são negados os recursos materiais para apoiar teóricos puros não podem ser capazes de desenvolver um conhecimento teórico especializado. Em contraponto, argumento que "sabedoria tradicional" é um sistema de pensamento e que reflete as posições materiais de seus praticantes que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade

<sup>1</sup> bellhooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, referência a sua bisavó Bell Blair Hooks. A grafia de seu nome no corpo do texto, e nas citações e se apresentam em letras minúsculas por exigência da escritora

<sup>2</sup> Por questão de espaço não nos aprofundaremos na crítica anunciada, e, portanto recomendamos os títulos presentes no texto

têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos. (COLLINS, 2016, p. 104)

Kimberley Crenshaw (2002) estabelece o conceito de interseccionalidade para pensar a mulher negra na sobreposição da condição de ser mulher, diferente do homem negro, negra diferente da mulher branca. Nas palavras da autora:

"A questão é reconhecer que as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ambas as categorias precisam ser ampliadas para que possamos abordar as questões de interseccionalidade que as mulheres negras enfrentam." (CRENSHAW, 2010, p.8)

O feminismo negro é o segmento do feminismo protagonizado por mulheres negras, que reivindicam visibilidade para suas demandas específicas, diante da dificuldade de representatividade e/ou auto representação no feminismo homogêneo. De acordo com Collins "o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras. Diversas premissas fundamentam essa definição em construção" (COLLINS, 2016, p. 101)

A luta das feministas negras é uma batalha contínua para nivelar seu lugar ao lugar das mulheres brancas. Isso, por si, levanta a importante reflexão sobre a representação feminina na mídia, seu espaço no mercado de trabalho, o lugar de vítima da violência sexual, o protagonismo da maternidade, entre outros temas, pois se há tanto por que as mulheres brancas precisam lutar, é bastante preocupante o fato de que as mulheres negras nem sequer conquistaram igualdade quando em comparação com outros indivíduos do seu próprio gênero. (*Geledes, instituto da mulher negra*, 14 de julho de 2016)

Nesse sentido, o grupo Dandara atua

pelo viés do feminismo negro na cidade de São João del-Rei desde ano de 2013. A cidade, localizada no Campo das Vertentes, originou da descoberta de ouro nas imediações banhadas pelo Rio das Mortes por volta de 1705. O local apresenta grande influência religiosa pela forte presença de irmandades da Igreja Católica, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a mais antiga irmandade de negros de Minas Gerais, que nos séculos XVIII e XIX foi uma forte agremiação de negros libertos e escravizados.

Além disso, a cidade conta com a presença de diversos grupos de cultura afro como o Raízes da Terra (Maracatu), o Negra Mina (Jongo), Grupo Moçambique Catopé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (Congado) do Bairro São Dimas, fora os locais de fé de religiões de matriz africana às margens da cidade.

A partir de uma demanda de alunos da UFSJ – Universidade Federal de São João Del-Rei, que se propuseram a fazer uma intervenção na cidade, abordando a questão do racismo, foi criado Grupo Dandara de Mulheres Negras da cidade de São João del-Rei. Em sua origem, mulheres e homens negros reuniam-se, expondo indagações e experiências semelhantes a respeito do racismo presente na cidade. Posteriormente, o coletivo se concentrou em receber somente mulheres negras.

Nesse contexto, surgiu também a necessidade de abranger a questão do machismo sofrido pela mulher negra. No dia 8 de março desse mesmo ano, foi realizada a intervenção "Carne Dura" no Centro Histórico de São João del-Rei. Tal manifestação foi organizada por mulheres negras, as quais sentiram, posteriormente, a necessidade de se reunir e se auto organizar, chegando, assim, à atual configuração do grupo Dandara.

O nome do grupo faz referência e homenagem a Dandara de Palmares<sup>3</sup> e desen-

<sup>3</sup> Dandara foi uma importante personagem da resistência negra, liderou e lutou ao lado de homens e mulheres contra os senhores de engenho no período escravocrata durante longos anos, suicidou-se pulando de um abismo, ao ser capturada, para não voltar a condição de escrava em 6 de fevereiro de 1694. Fonte: <https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/> acesso em janeiro de 2018

volve ações de enfrentamento ao racismo e machismo, em oficinas nas escolas, rodas de conversa e palestras entre outras atividades culturais. Para além de um grupo feminista político, Dandara também é um grupo de fortalecimento mútuo. Formado pelas experiências de mulheres destoantes em sua configuração familiar, orientação sexual, classe social e nos modos de "ser feminista". No entanto, o que o que parece unir essas mulheres torna-se superior às diferenças.

Na condição de mulheres negras, elas aprendem desde muito cedo a negar-se. Passam pelo constrangimento de discursos sobre cabelo, o tom da pele, e sobreposições de classe e/ou orientação sexual. Passam ainda pelos olhares suspeitos de segurança em lojas e supermercados, sob a exploração e hiperssexualização do corpo negro, sob a falta de expectativa da sociedade e os olhares de estranhamento quando ocupamos uma cadeira universitária.

Tudo isso faz do encontro delas uma explosão de anseios para as mudanças prementes na sociedade, buscando romper os múltiplos silêncios que por séculos tiveram que suportar. Dessa forma, as palavras de Audre Lorde elucidam as reflexões sobre os desejos de mudanças expostos também pelo feminismo negro:

Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (*Géledes, Instituto da mulher negra*, 28 de março de 2015).

A proposta do grupo é a ação e reflexão de temas que afetam a vida da mulher negra, em seus vários aspectos, dentre estes, a cultura africana e afro-brasilei-

ra, a marginalização dos sujeitos negros e a constituição subjetiva destes. O grupo atua junto ao público universitário e a comunidade externa sanjoanense.

O grupo Dandara se organiza em três frentes: 1) pedagógica: atuando na formação com palestras, oficinas e aulas em escolas ou outros espaços educativos, como a universidade e os centros comunitários. 2) Artístico-cultural: o grupo promove sessões de cinema para adultos "Cinegra" e crianças "Cinegrinha", além da elaboração de performances artísticas e a promoção de eventos. 3) Atuação política: o grupo se articula tanto com outras organizações feministas quanto com o movimento negro, reivindicando a intersecção de gênero, raça e classe.

A soma desses segmentos resultou na I Semana de Consciência Negra construída pelo grupo, a qual foi intitulada "Dandara: além do dia 20", realizada do dia 21 à 27 de novembro de 2016, como já foi mencionado anteriormente.

Todos os anos, no dia 20 de novembro, as mulheres que compõem o coletivo são convidadas para realizar alguma ação em escolas ou outros espaços sociais, mas encontram dificuldades em parcerias semelhantes durante outros dias do ano. Assim, percebeu-se a importância de levantar questões que devem ser debatidas durante todo o ano, não somente em uma data específica.

O objetivo das atividades foi levantar a reflexão e o debate sobre vivências da negritude sanjoanense, além de pensar ações de prevenção e enfrentamento ao racismo com a finalidade de valorização da vida negra na cidade. As expectativas que rondavam o grupo era a da participação maior da comunidade sanjoanense, principalmente dos que estão à margem.

## RECURSOS E MÉTODOS UTILIZADOS

O grupo Dandara, na data do evento, contava com mulheres de diversas ocupações, mas a grande maioria eram uni-

versitárias. Eram estudantes de cursos como psicologia, arquitetura, pedagogia, geografia, bem como alunas do ensino médio da rede estadual, artistas visuais e performáticas. Essa multidisciplinaridade contribuiu para que as atividades fossem as mais diversas possíveis.

Assim, a programação foi construída com a participação de todas as envolvidas. Objetivaram-se debates necessários que pudessem ser realizados em apenas uma semana. Foram pensadas performances, rodas de conversa, cine debate, encontro de crespos e cacheados e por fim, a festa Sawabona Shikoba II.

A junção de pessoas com disposição para construir um evento que abarcasse várias escalas da vida negra, somou-se aos ambientes, cuidadosamente escolhidos para sua realização, como escolas públicas, Salão Comunitário do Bairro São Dimas, Universidade Federal de São João del – Rei (UFSJ) e outros espaços públicos da cidade.

Tanto os dias de eventos e suas temáticas, bem como as funções a serem exercidas, foram divididos de acordo com o interesse de cada membro do grupo, o que otimizou o processo de criação e desenvolvimento das atividades.

Foram utilizados materiais audiovisuais próprio e emprestados, como caixa de som, *notebook* e *data show*. Para infraestrutura, foram necessários, mesas, tendas, além de materiais como papel, canetas, lápis coloridos e lanches coletivos organizados pelas próprias integrantes. O grupo procurou não depender de auxílio de políticos de nenhum partido, por se caracterizar como uma organização de mulheres independentes sem fins partidários. Mas instituições como a Universidade Federal de São João del- Rei e o Instituto Federal do Sudeste de Minas campus São João Del-Rei foram procurados.

## ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS DA SEMANA DANDARA: ALÉM DO DIA 20

Todos os temas que foram organizados para serem, de alguma forma questionados e pensados durante a semana, foram embasados em dados estatísticos e observações da própria vivência. Dentre elas, focaram-se em questões de saúde, padrões de beleza, violência, afetividade, educação, dentre outras, cujos resquícios escravagistas impõem diferenças entre os vários grupos sociais. De acordo com Jesé Souza:

No Brasil, desde o ano zero, a instituição que englobava todas as outras era a escravidão, que não existia em Portugal, a não ser de modo muito tópico e passageiro. Nossa forma de família, de economia, de política e de justiça foi toda baseada na escravidão. Mas nossa autointerpretação dominante nos vê como continuidade perfeita de uma sociedade que jamais conheceu a escravidão a não ser de modo muito datado e localizado. (SOUZA, 2017, p. 28)

Na segunda feira, dia 21, as atividades se concentraram no centro da cidade, local de grande fluxo de pessoas. O grupo iniciou as atividades com as performances "Carne Dura" e recital de poesias em frente ao restaurante popular, "Alvo Branco" e "Cara de quê?" ambos no calçadão da rua Sebastião Sete. Após isso, foi iniciada a roda de conversa "Tornar-se negro: vivências e apagamento histórico" nos entornos do Teatro Municipal. Para finalizar os eventos do primeiro dia, houve apresentação de capoeira (FIGURA 2) no mesmo local.



**Figura 2-** Performance "Carne Dura"

Fonte: Acervo do Grupo Dandara

No dia 22, as atividades se concentraram no bairro São Dimas. As ações iniciaram pela manhã com o CINEGRA exibindo o curta "Kbela", de Yasmin Thayná (FIGURA 3), na Escola Estadual Ministro Gabriel passos. Apesar de estar localizada no bair-

ro Bela Vista, a escola recebeu um grande contingente de jovens e adolescentes do bairro São Dimas. Pela tarde, as atividades foram realizadas no Salão Comunitário do referido bairro.



**Figura 3** – Exibição do filme Kbela, na Praça de Matozinhos

Fonte: Acervo do Grupo Dandara

No segundo dia, o CINEGRA exibiu o documentário "Sabotage: o rei do Canão", seguido pela performance chamada "Ora Yêie" e em seguida de uma dinâmica de interação para reflexão de privilégios. Posteriormente a isso, houve uma roda de conversa sobre o genocídio da população negra,

com a importante presença de mães de jovens negros de bairros periféricos da cidade. Por fim, aconteceu uma roda de rima puxada pela rapper sanjoanense Mari P.

Já na quarta-feira, dia 23, as atividades foram voltadas para o tema da saúde da população negra. O local escolhido foi o

Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do bairro Tejuco (FIGURA 4). Uma exposição artística, recital de poesias e palco livre abriram as atividades do dia, seguido por outro CINEGRA, que retratou

a saúde mental da população negra, juntamente com uma roda de conversa sobre saúde mental e afetividade negra. A confecção de bonecas Abayomi finalizou o terceiro dia.



**Figura 4** - Integrantes do grupo no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do bairro Tejuco  
Fonte: Acervo do Grupo Dandara

No dia seguinte, quinta-feira, dia 24, o grupo optou por realizar as atividades em duas escolas da cidade onde buscou expressar a valorização da vida e cultura negra. Assim, pela manhã, houve uma roda de conversa com o tema "Negritude, Identidade e Adolescência" na Escola Estadual

Ministro Gabriel Passos localizada no bairro Bela Vista. À tarde, o grupo levou para a Escola Estadual Iago Pimentel (FIGURA 5), no bairro Tejuco, a oficina "Afrobrincar", caracterizada pela presença de brincadeiras originadas ou inspiradas nas culturas africanas.



**Figura 5** - Dinâmica realizadas com os alunos da Escola Estadual Iago Pimentel no bairro Tejuco  
Fonte: Acervo do Grupo Dandara

O dia 25 de novembro foi pensado para integrar as atividades da ocupação que estavam sendo realizadas no Campus Santo Antônio da Universidade Federal de São João del-Rei - Ocupa UFSJ - em decorrência do Golpe de 2016 e das diversas PECs que estavam em votação na época. Pela manhã, houve uma oficina de dança afro. Já na parte da tarde, debateu-se o acesso e permanência da população negra ao ensino. Posteriormente, discutiu-se também a respeito da PEC 241 e a perda de direitos da população negra para a qual ela sinalizava. Nesse dia, o debate da atual situação dos negros, tanto no Brasil em geral como nas universidades, tomou conta de um espaço que é composto em sua maioria por alunos, professores e técnicos administrativos não negros.

No penúltimo dia, realizou-se o 1º Encrespa-SJDR (FIGURAS 6 e 7) na praça Bom Jesus de Matozinhos. Esse dia contou com a feira preta para venda de produtos de autônomos negros, salãozinho para cuidados com os cabelos crespos, com a presença de trançistas, oficina de amarração de turbantes, sarau e exibição do curta "Kbela". Ao longo do evento, o ambiente foi alegrado com a presença de Djs e artistas locais, que tocaram principalmente músicas que retratam as alegrias e as dores de ser negro. A opção de realizar as atividades desse dia em praça pública, foi com o objetivo de trazer aos olhos dos moradores de São João del-Rei a presença e cultura negra da cidade e o empoderamento dessa parcela da população.



**Figura 6** - 1º ENCRESPA-SJDR na Praça Bom Jesus do Matozinhos  
Fonte: Acervo do Grupo Dandara



**Figura 7** – Salãozinho do 1º ENCRESPA-SJDR  
Fonte: Acervo do Grupo Dandara

Para fechar as atividades em uma confraternização que aliviasse a tensão tanto da organização do evento como dos temas discutidos, no domingo dia 27 foi realizada a segunda edição da Festa Sawabona Shikoba, que já tinha feito sucesso em sua primeira edição em 2015.

Swabona é um cumprimento costumeiro utilizado por uma tribo africana, localizada na zona Austral do continente mais precisamente na República da África do Sul, e quer dizer: "Eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim". E em resposta a saudação a(s) pessoa(s) diz(em) Shikoba, que quer dizer: "Então eu existo para você". (TIMÓTEO, 2016, p. 1566)

O grupo encontrou dificuldades com relação à burocracia imposta pela administração municipal, como o alvará para utilizar a Praça de Bom Jesus de Matozinhos, no bairro Matozinhos, além de barracas solicitadas para venda de produtos no Encrespa. Alguns materiais utilizados foram emprestados por amigos e conhecidos, como tenda, som, computadores e projetor de imagem.

O evento foi pré-desenvolvido em reuniões por membros do grupo Dandara. Durante a execução dessas atividades, notou-se a importância de construir o evento com um diálogo mais aberto às instituições e público alvo, com intuito de possibilitar experiências que aconteçam de forma horizontal. Todas as discussões originadas das atividades desenvolvidas no "Dandara: além do dia 20" e todo o *feedback* recebido conseqüentemente, expressaram a importância do trabalho de base, seja por meio de um grupo feminista negro ou seja pelo restante da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização interna de um grupo militante é de extrema importância e assim o Grupo Dandara realiza grupos de estudos mensais entre as participantes para que se tenha também uma base bibliográfica para discutir alguns assuntos.

Foi a partir disso que em novembro de 2016 o Grupo realizou a Semana: Dandara além do dia 20, surgindo dessa necessidade de se debater questões que saltam à realidade, expelidas não somente através dos grupos de estudo, mas também da prática militante. Por meio de atividades lúdicas, o grupo tentou abordar a maior gama de temas possíveis, todos englobados na perspectiva racial, além de tentar ocupar diversos espaços da cidade com essas atividades, a fim de que grande número de pessoas em suas mais diversas características tivesse a oportunidade de presenciar.

Ao final da semana, entendeu-se a necessidade da continuação do trabalho, abarcando até outros importantes temas sobre e para a população negra que não puderam ser aprofundados, tais como: encarceramento da população negra, vício em álcool e drogas, violência obstétrica, orientação sexual, lazer para população negra, dentre outros temas como outros lugares de interesse para debate das questões concernentes à população negra.

O retorno do evento foi extremamente positivo e gratificante. Aos que não sabiam da existência do grupo ficou a chance de continuar acompanhando os trabalhos realizados e de somar na luta contra o racismo e o machismo. Ressalta-se a presença de crianças negras, que se sentiam confortáveis em meio às atividades.

As integrantes e ex-integrantes do grupo avaliam que a realização de tal ação foi uma via de mão dupla, uma troca e compartilhamento de saberes e energias. Essas, que compuseram grande parte das atividades, também aprenderam com a prática do vivido, que vai além de discussões acadêmicas e chega a esfera da realidade nas cidades, extra universidade.

A semana de eventos promovida pelo grupo Dandara em 2016, com todas as suas dificuldades, torna-se simbólica diante dos retrocessos que significaram a aprovação de leis que afetam diretamente a vida da população negra. Espera-se cons-

truir um planejamento para que a próxima edição tenha apoio de outras instituições, ONGs e recurso financeiro para realizar um evento sem mais problemas de logística e para que mais pessoas possam ser alcançadas através de um trabalho mais estendido.

Espera-se que esse artigo mostre a experiência do evento realizado de tal forma que seja tomado como exemplo para outras ações diversas, tão necessárias quanto foi a que aconteceu em São João Del Rei. Dessa forma, os relatos da experiência e até mesmo a base construída com a sua construção foram posteriormente estendidos como em atividades fragmentadas, apresentações de trabalho e até oficina.

Em 2017, o "Dandara: além do dia 20" se expandiu em uma oficina intitulada "Dandara Além do dia 20: diálogos sobre a negritude sanjoanense" oferecida no 29º

Inverno cultural da Universidade Federal de São João del-Rei que também contou com temas debatidos em 2016.

Além disso, do dia 21 à 27 de novembro de 2017 aconteceu a segunda edição do "Dandara: além do dia 20", em parceria com a Escola Estadual Ministro Gabriel Passos no bairro Bela Vista e Escola Estadual Professor Iago Pimentel no bairro Tejuco, para o desenvolvimento de atividades culturais que abordaram a temática de gênero e raça.

A experiência das atividades foi compartilhada como forma de apresentação oral no II Encontro de Relações Raciais e Sociedade do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, *Campus* São João del-Rei, em novembro de 2017 e aprovada para apresentação no evento "VII Ser negra", que será realizado em novembro de 2018 em Brasília-DF.

**ABSTRACT:** *The present text discusses about the activities carried out by the group of black women Dandara São João del-Rei, affirming the week of black consciousness from November 21th to 27th 2016. The week of events was titled "Dandara: beyond the 20th" and aimed to enable dialogues with black people from São João del-Rei and to emphasize the importance of debates and interactions about ethnic-racial relations in different territories of the city such as schools, social welfare centers and squares, beyond November 20th - day marked as day of black conscience. As members of the Dandara group, we outlined the challenges and successes achieved with the construction of this week, in order to foment the debate about the possibilities of practices to face racism and to value the black culture.*

**KEYWORDS:** *Black consciousness; Black feminism; Ethnic-racial relations.*

## BIBLIOGRAFIA:

BASTIDE, R. **As américas negras:** as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Difel/Ed. USP, 1974.

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo situação da mulher negra na América Latina a parti de perspectiva de gênero.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em 04 out. 2018.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense. Vol. 1, 2001, 254 p.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** Dispo-

nívelem:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em: julho de 2018.

COLLINS, P. **Aprendendo com o *outsiderwithin*: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **As características do trabalho doméstico remunerado nos mercados de trabalho metropolitanos.** Sistema PED. 2011 Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosestimatorial/2011/2011trabDompedmet.pdf>> Acesso em 02 ago. 2018

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>> Acesso em 03 ago. 2018

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: agosto de 2018

LORDE, A. **A transformação do silêncio em linguagem e ação.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em: agosto de 2018

SOUZA, J. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 1ª ed., 2017, 240 p.

TIMÓTEO, S. M. **SawabonaShikoba** - "Eu sou bom". Revista Jurídica Luso Brasileira. Ano 2, nº 1, 2016. p.1563-1592 Disponível em: <[http://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/rjlb/2016/1/2016\\_01\\_1563\\_1592.pdf](http://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/rjlb/2016/1/2016_01_1563_1592.pdf)> Acesso em 17 jul. 2018

## AGRADECIMENTOS:

As autoras desse importante projeto agradecem aos envolvidos na realização das atividades do "Dandara: além do dia 20", bem como aos responsáveis pelo Dossiê ERAS-Multiverso pela oportunidade do artigo.

Submetido em: 04/08/2018

Aceito em: 14/01/2019